



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO ENSINO MÉDIO:
Análise do comportamento dos/das alunos/as e professores/as

Natália Marques da Silva Soares

Universidade federal da Paraíba – UFPB, nataliamarquespb@gmail.com

Marlene Helena de Oliveira França

Universidade federal da Paraíba – UFPB, marlenecel@hotmail.com

Resumo: Este trabalho versa sobre a Violência de Gênero no ensino médio a partir de uma análise do comportamento dos/das alunos/as e professores/as de uma escola pública da cidade de Cabedelo/PB. O objetivo deste estudo é analisar o comportamento das alunas e dos/das professores/as, com vistas a verificar se ocorre a violência de gênero na escola. Os principais autores que subsidiaram essa discussão foram: Abramovay (2002), Ariés (1975), Bourdieu (1998), Louro (1997), Minayo (2005), Moreno (2003) e Saffioti (2004). A metodologia se deu por meio de uma pesquisa de caráter exploratório. Para tanto, utilizou-se um questionário aplicado junto às alunas contendo 12 questões e uma entrevista aplicada junto aos/as professores/as contendo 11 questões. Após a análise dos dados, foi observado que apesar de haver muitos estudos e pesquisas que trazem a temática de gênero, constatou-se que o recorte teórico que demos no presente trabalho, ainda carece de um maior aprofundamento.

Palavras-chave: Educação. Violência de Gênero. Ensino Médio. Alunas. Professores.

1 Introdução

Violência de gênero pode ser entendida como a violência existente contra a mulher pelo simples fato de ser mulher. A violência de modo geral afeta toda a sociedade. Todos os dias podemos ver nos jornais notícias sobre a violência em suas mais variadas formas, e a violência de gênero é uma delas, que está intrinsecamente ligada a uma cultura fundamentada na virilidade e/ou na masculinidade, ou seja, a violência de gênero é fruto da discriminação e da desigualdade das mulheres com relação aos homens, de modo que os homens são tidos como “fortes” e as mulheres como “fracas”; homens são “dominadores” e mulheres são “submissas”. Embora tenha havido certo avanço com relação à mulher e sua liberdade, ainda podemos observar que mesmo com este avanço, a violência de gênero persiste, de maneira que, independentemente de onde a mulher esteja: no mercado, na farmácia, no açougue, na fila de um banco, no trabalho, na escola, nos transportes públicos, ou seja, na rua ou em algum local fechado à mulher sempre estará sujeita a sofrer violência de gênero.

Assim sendo, entendemos que a violência de gênero é algo cultural, e numa tentativa de aprofundar a discussão, lançamos algumas questões problematizadoras, são elas: Será que dentro de casa existe a violência de gênero? A escola tem contribuído para desconstruir a violência de gênero? De que modo os professores e professoras podem contribuir para que a

violência sofrida pelas garotas seja contida? Foi em busca das respostas a esses questionamentos que a pesquisa foi desenvolvida e, seus resultados serão aqui apresentados.

O interesse por esse tema surgiu quando cursei a disciplina de Educação e Diversidade Cultural, componente curricular do curso de Pedagogia da UFPB. Nesta disciplina, estudei o conceito de gênero, diversidade, feminismo e, a partir do momento em que comecei a estudar a temática, senti a necessidade de refletir sobre o motivo pelo qual ainda ocorre a violência de gênero em todos os lugares, mesmo estando em pleno século XXI.

O estudo desse tema é de grande importância não apenas para mim ou para a Academia, mas também para a sociedade, pois a partir dele haverá uma ampliação das fontes bibliográficas, além disso, irão surgir novas discussões, novas opiniões, debates e histórias a serem compartilhadas, de modo que venha a beneficiar discentes e docentes a usar o conhecimento sobre o tema para resguardar sua integridade física, emocional e mental. Além disso, fornece ainda elementos positivos para o âmbito pedagógico, pois pode contribuir não só para os/as discentes da Academia, mas também para profissionais da educação, pois aponta para um novo olhar, para uma nova forma de lidar com meninos e meninas, buscando ajudar o/a profissional da educação de modo que venha a melhorar os métodos de ensino, modificar sua postura e/ou visão errônea sobre o tema, trazendo uma nova perspectiva para a sala de aula, fazendo com que haja uma aprendizagem melhor e mais efetiva, sem que ocorra a diferenciação natural entre menino e menina que acontece frequentemente em creches e escolas, pois entende-se que ao estudar o tema, é possível efetivar o processo de desconstrução do sexismo, pois tem o intuito de contribuir para a redução da violência de gênero dentro de casa e nas escolas, em grupos de jovens, tornando efetiva a construção de uma sociedade mais crítica e autêntica.

2 Violência de gênero: Fenômeno genético ou cultural?

Muito se tem pesquisado e refletido acerca das violências nas escolas e as violências relacionadas à diversidade de gênero entre alunos e alunas nas escolas. Em seu resumo para a UNESCO, Miriam Abramovay nos mostra que a violência nas escolas começou com o surgimento de armas de fogo, disseminação do uso de drogas e formação de gangues, fazendo com que a escola fosse incorporada pela violência cotidiana do espaço urbano.

Sabemos que a violência de gênero ocorre contra a mulher, pelo simples fato de ser mulher. Deste modo, se pressupõe que as determinações que a sociedade estabelece para o ser homem e ser mulher chegam ao contexto escolar e

tendem a ser reproduzidas pelos alunos e alunas. E isto acontece porque desde criança somos educados(as) a nos comportarmos, a partir do que a sociedade considera certo e/ou errado, de acordo com o sexo biológico. Partindo desse pressuposto, meninos devem ser atrevidos, bravos, insensíveis, brincar na rua, etc, ao passo que as meninas devem ser afetuosas, doces e se contentarem em ficar em casa e brincando de boneca, ou de casinha, entre outras atitudes que se espera que uma mulher tenha.

Se olharmos mais atentamente para a sociedade, perceberemos que os comportamentos estabelecidos para homens e mulheres não são genéticos, mas culturais e socialmente produzidos, e deste modo, as classes sociais têm uma tendência e/ou intenção a padronizar um indivíduo, sendo ele: homem, branco, heterossexual e cristão, desconsiderando todos demais indivíduos que vivem na sociedade, ou seja, mulheres, crianças, jovens e idosos, que há pouco tempo têm conseguido assegurar os seus direitos.

3 O homem como o centro do universo

Antes de a criança nascer, já se começa a determinar tudo que pertence ao universo masculino e o feminino. No decorrer do tempo, o pai e a mãe, começam a dar um tratamento diferenciado à criança, partindo do pressuposto estabelecido pela sociedade a cada sexo, ou seja, a criança começa a fazer atividades e a usar brinquedos que são associados ao seu gênero, demarcando claramente o que é “coisa de menino” e “coisa de menina”, se estendendo até sobre o que as crianças assistem na televisão, enfatizando somente, o que está relacionado ao seu sexo. Claro que atitudes como essas apenas reforçam, a sociedade machista existente no Brasil, deixando evidente que as mulheres ocupam espaços de menor prestígio em comparação aos homens. A escola, por sua vez ocupa um importante papel neste cenário. O convívio entre as crianças, sejam meninos ou meninas, deve permitir diversas formas de aprendizagem, que venham a facilitar a interação e a socialização entre elas, assim como internalizar novas crenças e comportamentos, fazendo com que novas formas de relacionamentos e vivências sejam vistas como algo comum.

De acordo com Louro (1997) a escola demarca espaços, determinando o que cada um pode ou não fazer, de modo que separa, organiza e define os lugares de meninos e meninas. Tais ações advêm dos padrões impostos pela nossa sociedade para homens e mulheres desde a infância e nesta perspectiva, a escola se acomoda e continua reproduzindo as desigualdades de gênero, pois segue o modelo tradicional que a sociedade pré-determina, sustentando o pensamento de que a mulher é inferior ao homem. Trazemos então, uma visão androcêntrica do mundo em que vivemos, visão esta, que é perpetuada

por homens e mulheres, através de gestos, ações, comportamentos e principalmente da linguagem, que nos passa despercebida, nos fazendo acreditar que o androcentrismo é algo natural, aceitável e imutável.

4 Violência banalizada e o medo latente das mulheres

Por que mesmo com tantas leis, as pessoas, sobretudo as mulheres, ainda vivem com medo? Por que em seu bairro, em sua rua, ou em sua própria casa as mulheres ainda se sentem inseguras e com medo? Seria exagero da parte delas? Ou seria “vitimismo”? Belloni (2004) nos alerta que atualmente, acontece uma clara banalização da violência, traduzida na maioria das vezes, pelo uso de meios violentos que os indivíduos têm demonstrando uns contra os outros, e socialmente é visto como algo corriqueiro. De acordo com Bock (2011), a violência em todas as suas expressões, é um dos principais vetores do medo. Com isto, podemos entender que, perto ou longe de nós a violência nos afeta fortemente e suas consequências refletem no nosso dia-a-dia, sobretudo na forma de medo, passando a impressão de que a violência é algo que sempre acontecerá e que não se pode evitar. Desta forma, começam a ser construídos os sentimentos de insegurança, e medo, que por sua vez, causam um sentimento de impotência que é reforçado pela sensação de impunidade.

A violência em geral e a violência de gênero estão enraizadas e interiorizadas de tal modo na mente das pessoas, que muitas vezes um indivíduo sofre violência e nem percebe que a sofreu. Segundo Chauí (2007) podemos resumir a violência social considerando a sociedade brasileira como oligárquica, autoritária, vertical, hierárquica, polarizada entre a carência e o privilégio e com bloqueios e resistências à instituição dos direitos civis, econômicos, sociais e culturais. Na maioria das vezes, as mulheres que sofrem violência de gênero, estão integradas num ambiente marcado pela dominação masculina, ressaltadas por uma sociedade patriarcal.

Nesta perspectiva, a escola mostra-se como um local onde a educação deve ser praticada como uma aliada no combate a violência de gênero, pois muitas vezes é no âmbito escolar que são vividas e produzidas as diversas formas de violências, sobretudo a violência de gênero, que é perpetuada por ter como base, uma determinação de uma sociedade patriarcal, que segundo Scott (1989) o homem é o “senhor” racional, é o indivíduo provido de sabedoria. A mulher por sua vez deve ser boa, pura e inocente, conceitos advindos da tradição cristã ocidental. O que leva muitos ao pensamento de que quando uma mulher “foge” desses princípios que foram impostos pela sociedade, ela passa a não ser vista como uma pessoa que é digna de respeito, e deste modo, a tratam com desprezo, humilhação, usam de termos pejorativos para se referir a ela, fazendo assim com que

a mulher acredite que deve fazer tudo o que a sociedade lhe impõe para que seja respeitada, para que tenha os seus direitos assegurados e que possa ir e vir sem medo de sofrer violência.

Saffioti (2001) define violência de gênero como uma categoria de violência mais geral, que pode abranger a violência doméstica e a violência intrafamiliar. Segundo ela, a violência de gênero acontece de forma natural, partindo do homem contra mulher, mas pode ser praticada também, por um homem contra outro homem ou por uma mulher contra outra mulher. Nesta perspectiva, a violência ocorre desde a infância, dentro de casa, sendo o agressor um pai/padrasto, e mais tarde, na vida adulta o agressor seria um namorado/marido, sendo o homem o principal sujeito a cometer violência de gênero.

Deste modo, acreditamos que os resultados desta pesquisa possam contribuir para os profissionais da educação, para os alunos e alunas e para a sociedade em geral, com o intuito de promover a cidadania e o empoderamento das mulheres para que se possa, ainda que aos poucos, efetivar a desconstrução dos conceitos sexistas que a sociedade nos impõe e estabelece, em que possamos, cada vez mais, ver o futebol como um esporte também feminino, o ato de cozinhar como algo também masculino, sem que haja uma ideia de inversão de valores.

5 Os Achados da pesquisa

Quanto ao percurso metodológico, a princípio foram escolhidas duas escolas em que a pesquisadora havia estudado durante no período do ensino médio. No entanto, só foi possível realizar a pesquisa em apenas uma delas, pois a outra encontrava-se em greve. Antes da aplicação do questionário em duas turmas do ensino médio, previamente escolhidas, demos início a um breve debate acerca da temática violência de gênero. Observamos de início, que as meninas se mostraram um pouco surpresas, pois não imaginavam que a violência de gênero era algo que ocorria cotidianamente. Em seguida, o questionário foi distribuído com as alunas presentes e que se dispuseram a responder.

Em ambas as salas, antes da aplicação do questionário, alguns alunos fizeram “brincadeiras” com um dos alunos presente, dizendo que ele deveria responder também porque ele é gay e por ser gay, se encaixa como mulher. Um dos alunos que havia feito o comentário com o colega gay, perguntou se a razão de não responder ao questionário era pelo fato de “ser homem”, o qual obteve a seguinte resposta: “Como foi informado inicialmente, o questionário será aplicado apenas para as meninas, nenhum menino vai poder participar”. Mas, ele insistiu: “Nem esse aqui?” (Apontando para o colega que é gay). Mas, uma vez a resposta foi: “Nenhum menino, nem ele nem você”.

Atitudes como essa apenas atestam a forma preconceituosa como os homossexuais vêm sendo tratados nas nossas escolas, exigindo dos educadores que estão cotidianamente nas salas de aula, posturas mais firmes no sentido de combater tais práticas.

6 Análise e Discussão dos dados

Em relação ao questionário aplicado as alunas, em ambas as salas, todas as meninas presentes participaram, sendo 9 (nove) meninas presentes na sala 1, com idade entre 16 a 18 anos e solteiras, já na sala 2, haviam 7 (sete) meninas presentes, com idade entre 16 a 18 anos, sendo uma casada e as demais solteiras, somando um total de 16 (dezesesseis) meninas participantes. O questionário aplicado às alunas possuía 12 (doze) questões, sendo 4 (quatro) questões fechadas, 4 (quatro) questões semiabertas e 4 (quatro) questões abertas, voltadas para a temática violência de gênero, incluindo as seguintes perguntas: como acontece? Como elas se comportam quanto a isso? Como se sentem? Se a escola faz algo para combater esta prática? Quanto à entrevista aplicada junto aos professores, de cinco professores/as presentes, quatro se dispuseram em participar da entrevista, sendo um professor e três professoras participantes. A entrevista foi composta por 11 (onze) questões, sendo todas abertas, também voltadas para a temática violência de gênero, perguntou-se se eles/elas já presenciaram essa prática e como eles costumam combater a prática da violência na escola.

Como foi dito acima, o questionário foi composto por 12 (doze) questões para as alunas das salas de 3º ano do Ensino Médio e 11 (onze) questões para os/as professores/as, entretanto foram utilizadas apenas as questões com mais relevância para compor o relatório de pesquisa, com um total de 4 (quatro) questões apresentadas para cada questionário, ou seja, 4 (quatro) questões referentes ao questionário aplicado as alunas, e 4 (quatro) questões referentes a entrevista aplicada aos/as professores/as.

De acordo com os dados coletados no decorrer da pesquisa, é possível concluir que os elementos coletados nos questionários aplicados junto às alunas e aos/as professores/as da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Pedro Aníbal Moura, apontam em sua grande maioria, para a ocorrência de violência de gênero na escola e no percurso que os entrevistados fazem até a escola.

Quadro temático 1: Questão aplicada as alunas:

No percurso até a escola, você tem medo de sofrer algum tipo de agressão, intimidação ou assédio?	
SALA 1	SALA 2

SIM	NÃO	SIM	NÃO
8	1	7	0

Fonte: Levantamento realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Pedro Aníbal Moura (2016).

Nesta questão é possível observar que apenas uma aluna respondeu negativamente a esta questão. Vale destacar que além de responder sim ou não, as alunas tinham a opção de justificar a resposta, e como justificativa, a referida aluna, respondeu o seguinte: “não tenho medo, pois ando sempre com muitas pessoas”, entretanto, todas as outras alunas responderam sim a esta questão, e como justificativa uma delas declarou: “tenho medo porque sempre irá ter alguém mal encarado, lhe olhando com má intenção”. Outra aluna justificou positivamente respondendo: “sempre que venho recebo piadas e até sou perseguida”. Com isto, entende-se que uma boa parte das alunas da escola pesquisada deixa claro o medo que tem em sofrer algum tipo de violência.

Quadro temático 2: Questão aplicada as alunas:

Você se sente mais respeitada na escola quando está acompanhada de algum homem (amigo, namorado, marido)?			
SALA 1		SALA 2	
SIM	NÃO	SIM	NÃO
8	1	6	1

Fonte: Levantamento realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Pedro Aníbal Moura (2016).

No quadro acima, constata-se que apenas uma aluna de cada sala não se sente mais respeitada na presença de um homem, no entanto a grande maioria, de ambas as salas, respondeu afirmativamente a essa questão, acreditando que são mais respeitadas na presença de um homem, partindo do antigo pressuposto de que uma mulher só merece respeito se estiver acompanhada por seu homem (namorado, marido, etc).

Quadro temático 3: Questão aplicada as alunas:

Na escola costuma haver debates sobre o tema violência de gênero?			
SALA 1		SALA 2	
SIM	NÃO	SIM	NÃO
1	8	1	6

Fonte: Levantamento realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Pedro Aníbal Moura (2016).

Neste quadro, nota-se que apenas uma aluna de cada sala disse que havia debates sobre o tema violência de gênero, e as demais, que

correspondem a grande maioria, disseram que na escola não costuma haver debates acerca dessa temática. Vale ressaltar que, as alunas que disseram que havia debates na escola, estudam na referida escola há 3 (três) anos, e as demais que responderam que não costuma haver debates, estão na escola em média há 2 (dois) anos e 6 (seis) meses; revelando portanto, uma verdadeira incoerência nos depoimentos. Mas esta questão leva-me a refletir sobre o motivo de não haver debates sobre a temática na escola, seria por que a coordenação pedagógica não está preparada para tais debates? Ou seria por não acreditar que tais debates possam solucionar o problema?

Quadro temático 4: Questão aplicada as alunas:

Como você costuma reagir quando sofre algum tipo de violência, assédio ou agressão?	
SALA 1	SALA 2
“Na maioria das vezes não, mas em certos casos sim”	“Não ficando calada”
“Digo para alguém responsável por mim”	“Chama socorro”
“Procuo me defender de alguma forma”	“Eu parto logo pra cima com ignorância”
“Estresse”	“Com conversa e meio me ausentando”
“Eu me estresso, tenho vontade de voar no pescoço do safado”	“Conversar com a pessoa”
“Sinto raiva, e dá vontade de jogar algo”	“Fico envergonhada e procuro não dar atenção”
“Não dou atenção, finjo que não é comigo”	“Prefiro não reagir”

Fonte: Levantamento realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Pedro Aníbal Moura (2016).

Pode-se observar que pelo menos metade das meninas reage de alguma forma, e a outra metade não reage por vergonha ou medo. O que é totalmente compreensível, partindo do ponto de que as mulheres vivem em situação vulnerável, e nesta condição, sentem medo de reagir a algum tipo de violência.

Ao debater na sala sobre a temática, as alunas foram oralmente questionadas, mas também no questionário foi abordado, sobre o que elas achavam que a escola poderia fazer para desconstruir a violência de gênero que acontece em seu meio. Chamou nossa atenção as respostas a seguir: “Ter câmeras nos corredores”, “Fazer palestras explicando que assédio e outros tipos de violência e discriminação é crime, e que se denunciado, o agressor pode responder na lei”, “Primeiro o diretor precisa vir à escola já que isso não acontece, e ter palestras administradas por pessoas capacitadas e que entendam do assunto. É sempre importante lembrar que não somos bonecas e devemos ser respeitadas como mulher”, “Eu acho que isso é difícil de destruir, mesmo que tenha vários debates”.

Diante das respostas que obtivemos por meio de questionamentos orais e escritos, foi possível observar que as alunas de ambas as salas acreditam que devem ser feitas palestras de conscientização, debates em sala de aula, dinâmicas sobre como reagir em casos de violência, para que possa haver um combate, entretanto, uma das participantes não acredita que debates e palestras possam desconstruir a violência de gênero na escola, o que leva ao entendimento de que ainda que haja debates e palestras, alguns alunos não darão a devida importância.

Quadro temático 5: Questão aplicada aos/as professores/as:

Você já presenciou alguma situação de violência de gênero com o alunado?	Prof. - Sim.
	Prof ^a . - Sim.
	Prof ^a . - Sim.
	Prof ^a . - Constantemente há esse tipo de ato entre eles.

Fonte: Levantamento realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Pedro Aníbal Moura (2016).

Nota-se que todos os/as professores/as concordam em afirmar que ocorre violência de gênero na escola em que trabalham. Em relação a isto, uma das professoras entrevistada ressalta que ocorre constantemente. Comparando com as respostas das alunas sobre sofrer violência de gênero na escola, a maioria delas, em ambas as salas, respondeu que já sofreu algum tipo de violência na escola, desde um xingamento a um assédio. Na tentativa de exemplificar uma das alunas participantes da pesquisa respondeu: “Eu tava comendo, sentada de boa, aí de repente ele veio e tentou beijar minha boca, tive um susto, mas me saí logo”, quando uma das colegas perguntou se ela fez alguma outra coisa, ela disse: “eu fiquei tão surpresa que nem me liguei em dizer nada, eu só saí de perto dele e ele ficou olhando”. Então, como é possível constatar, os meninos/alunos se acham no direito de beijar uma “menina” a qualquer hora e sem a sua permissão, simplesmente porque sentiu vontade.

Quadro temático 6: Questão aplicada aos/as professores/as:

De acordo com sua observação, como as alunas costumam reagir quando sofrem violência de gênero?	Prof. - Ficam em silêncio.
	Prof ^a . - Não rebatem se forem alunas mais tímidas, porém alunas mais independentes rebatem, chegando a agressões verbais.
	Prof ^a . - Na maioria das vezes elas permanecem caladas.
	Prof ^a . - Muitas delas não querem voltar a escola.

Fonte: Levantamento realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Pedro Aníbal Moura (2016).

Neste quadro é possível observar que os professores concordam em dizer que as alunas, na maioria das vezes, ficam caladas ou não reagem,

quando sofrem violência de gênero. De acordo com o que foi questionado às alunas, notou-se que pelo menos metade delas reage de alguma forma, e a outra metade não reage, por sentir vergonha ou medo. Vale ressaltar que duas professoras disseram que também acontece violência de gênero com colegas suas, e quando foram questionadas sobre como reagiam, obtivemos as seguintes respostas: “Levam na brincadeira, por geralmente estar disfarçado de brincadeira. Não rebatem por não querer problemas na escola.”, “Hoje elas se impõem mais, não estão sempre aceitando tudo, colocam suas opiniões ativas”. O que chama a atenção foi que uma das professoras disse que a violência de gênero ocorre com as professoras em tom de brincadeira, e por conta disso, elas levam na brincadeira, mesmo sabendo que sofreram violência de gênero. E este ponto em questão foi discutido entre as alunas da sala 1, quando falei que a violência de gênero acontece entre nós sem que percebamos.

Quadro temático 7: Questão aplicada aos/as professores/as:

Você acha que ao sofrer violência de gênero, uma aluna pode ser prejudicada em seu desenvolvimento escolar?	Prof. - Sim, perde sua autoestima e a vontade de estudar diminui.
	Prof ^a . - Com certeza.
	Prof ^a . - Com certeza, como já citei, elas podem até não querer voltar a escola.

Fonte: Levantamento realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Pedro Anibal Moura (2016).

De acordo com este quadro, foi observado que todos os/as professores/as concordam em afirmar que a violência de gênero pode prejudicar o desenvolvimento das alunas, uma vez que as mesmas ficam com baixa autoestima, não sentem vontade de ir à escola, perdendo ou diminuindo a vontade de continuar estudando naquela escola.

Uma das questões formulada junto aos professores/as foi se a escola já havia feito algo para combater a violência de gênero. Eles responderam que já aconteceram iniciativas para o combate da violência de gênero em seu meio, porém ao observar as respostas das alunas no quadro temático 3 (três), nota-se que a maioria das alunas diz que não costuma haver debates ou alguma iniciativa da escola para combater a violência de gênero que acontece dentro dela. Quando questionamos se os/as professores/as tiveram a oportunidade de abordar a temática violência de gênero em suas práticas docentes, obtivemos as seguintes respostas: “Não, pois é mais difícil relacionar esse tema com disciplinas da área de exatas, mas vou pensar em uma forma de fazê-lo”; “Sim”; “Sim”; “Não, nunca abordei esse tema”. Perguntou-se ainda sobre como eles/elas achavam que a escola poderia contribuir para desconstruir a violência de gênero que ocorre em seu ambiente, e todos/todas responderam que poderia ser por meio de palestras, peças teatrais, projetos, seminários, gincanas,

ou até mesmo conversas informais. De acordo com Rosa (2010) a violência que acontece na escola “é um problema complexo e sua resolução requer a participação efetiva de todos os envolvidos: professores, alunos, gestores, comunidade escolar, família e sociedade”. Deste modo, entendemos que a introdução de práticas educativas que possam combater a violência de gênero é essencial para uma melhor aprendizagem e convivência na escola.

Conclusão

Nossas impressões ao final da pesquisa é de que a violência de gênero faz parte do cotidiano dessa escola, e que não atinge apenas com as alunas, envolve as professoras também. Além disso, a violência de gênero não se restringe apenas ao espaço escolar, podendo se estender também, ao percurso que as alunas levam para chegar à escola, pois de acordo com a pesquisa, a maioria das alunas mora longe da escola, podendo acontecer a violência de gênero em qualquer lugar.

Esse trabalho resultou de uma pesquisa bibliográfica e exploratória que nos levou a pensar mais profundamente sobre a violência de gênero, e como este tipo de violência está enraizada na sociedade, sobretudo, a sociedade brasileira. Com isto, nos sentimos motivada a continuar com o tema, pois além de ter uma relevância acadêmica, este tema tem grande relevância social, visto que a violência de gênero ocorre de forma despercebida.

De acordo com os dados analisados com base no questionário aplicado às alunas e a entrevista aplicada aos/as professores/as da E.E.E.F.M Pedro Aníbal Moura, é possível concluir que a violência de gênero que ocorre nas escolas, especialmente no Ensino Médio, deve ser combatida, para que alunas, professoras e quaisquer mulheres que trabalhem nas escolas possam ser respeitadas. A maioria das alunas sente medo de sofrer algum tipo de violência na escola, demonstra medo até da localização em que a escola se encontra.

Algumas alunas relataram que sentem insegurança em falar ou fazer algo por sentir medo de não ser bem vistas no que falar ou fizer. E os/as professores/as, apesar de presenciarem constantemente a prática da violência de gênero, costumam a abordar o tema em sala ou simplesmente não abordam, o que dificulta ainda mais a desconstrução da prática da violência de gênero na escola. Com isso, pode-se entender que a violência de gênero acontece porque, muitas vezes, além de a escola não promover projetos e debates para a conscientização, os meninos também não dão a devida importância para o tema, dificultando o combate desta prática, ampliando e consolidando ainda mais, o sexismo, pois entende-se que há uma certa exigência da sociedade (amigos, pais e mães), para que esta prática seja perpetuada. Entretanto, mesmo com os problemas e

dificuldades que encontramos na escola, ficamos satisfeitos com os resultados dos dados coletados, uma vez que mostrou o quão as escolas têm sido omissas em relação à discussão acerca da violência de gênero, revelando a importância de provocar cada vez mais esse debate e empoderar esses sujeitos de que essa problemática precisa ser exaustivamente discutida e acima de tudo, de que não pode ser naturalizada.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M.; RUA, M. G. **Violências nas escolas**. Brasília: Unesco, 2002.
- ARIÉS, Philippe. **Historia social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1975.
- BELLONI, M. L. **Infâncias, máquinas e violência**. In: Educação e Sociedade, Campinas – São Paulo, 2004, v.25, n. 87.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- CHAUÍ, Marilena. **Contra a violência**. Disponível em: <<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwiH4vrM08LMAhXKDJAKHV4wDAQQFggdMAA&url=http%3A%2F%2Fportais.tjce.jus.br%2Fesmec%2Fwp-content%2Fuploads%2F2011%2F06%2Fcontra-a-violencia-marilena-chaui.doc&usg=AFQjCNHfy1rKRCaoVKqnr-twkDWHdmfPTA&sig2=2D2J01V1oeATN7GuZRQFzA>>. Acesso em: 22 Abr. 2016
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- MINAYO, M. C. de S. **Violência: um problema a saúde dos brasileiros**. In: MINISTÉRIO DA SAÚDE/ SECRETARIA DA VIGILÂNCIA EM SAÚDE. **Impacto da Violência na saúde dos Brasileiros**. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.
- MORENO, M. **Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola**. São Paulo: Moderna,
- ROSA, Maria José Araújo. **Violência no ambiente escolar: refletindo sobre as consequências para o processo de ensino aprendizagem**. Disponível em: <http://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identidades/revistas/ARQ_FORUM_IND_8/FORUM_V8_09.pdf>. Acesso em: 22 Abr. 2016
- SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2004.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Disponível em: <<http://observem.woese.com/upload/935db796164ce35091c80e10df659a66.pdf>>. Acesso em: 22 Abr. 2016